

ARGENTINA / Com quase 100% dos votos apurados, oposição confirma vitória para Câmara e Senado. Pressionado pela crise econômica, Alberto Fernandez terá de remontar base de apoio

Derrota do governo peronista

Com mais de 95% das seções eleitorais apuradas até as 22h de ontem (mesmo horário de Brasília), as eleições legislativas na Argentina vão confirmar a derrota do governo peronista de Alberto Fernández, antevista nas primárias de setembro. A coligação opositora Juntos pela Mudança, liderada pelo ex-presidente Mauricio Macri, tinha, até o fechamento desta edição, 42,4% dos votos, contra 33,5% da Frente de Todos, a aliança peronista de centro-esquerda.

Mais de 23 milhões de argentinos compareceram às urnas para renovar metade da Câmara dos Deputados e um terço do Senado.

Os primeiros resultados da votação começaram a sair no começo da noite. A divulgação de pesquisas de boca de urna é proibida na Argentina, mas as principais emissoras de TV e de rádio já apontavam que as eleições de meio de mandato repetiriam a tendência das primárias, em que a coligação opositora derrotou a frente peronista.

“Terminamos um dia eleitoral muito bom. Tudo correu normalmente. Pelos primeiros dados da Câmara Nacional Eleitoral, temos um percentual de comparecimento entre 71 e 72%. Havia mais gente do que nas primárias de setembro”, declarou o ministro do Interior, Wado de Pedro, pouco depois do encerramento da votação, às 18h locais.

Depois do revés sofrido pelo governo nas primárias de setembro, os olhos se voltaram para a apuração dos votos na populosa periferia de Buenos Aires, com quase 40% da lista eleitoral e bastião histórico do partido peronista. A capital e outras grandes cidades estão nas mãos da oposição. Mas a adesão esperada ao peronismo governista não se confirmou.

Eleitor descrente

A votação renovará 127 das 257 cadeiras da Câmara dos Deputados, na qual a oposição já



Com governo sob pressão, Alberto Fernandez e a primeira-dama, Fabiola Yanez, cumprimentam eleitores em Buenos Aires

tem maioria. A disputa mais ariscada para o governo estava mesmo no Senado, presidido pela influente vice-presidente, Cristina Kirchner. Na Câmara Alta serão renovadas 24 das 72 cadeiras. É lá que, a partir de 2022, o governo de Fernández deve perder a sustentação parlamentar, atualmente com 41 senadores, contra 25 da coalizão de centro-direita.

“Amanhã a Argentina continua, e temos que seguir trabalhando para construir o país que queremos”, disse o presidente depois de votar, acompanhado pela primeira-dama, Fabiola Yanez, que está grávida.

A se confirmar a derrota, Fernández terá que trabalhar muito para remontar sua base parlamentar e tentar garantir governabilidade ao longo dos próximos dois anos de mandato.

Macri, principal referência da oposição, adiantou que “esses próximos dois anos serão difíceis” e, em tom de vencedor, garantiu que sua coalizão “atuará com muita responsabilidade, ajudando para que a transição seja a mais ordenada possível”.

“Tenho medo pela economia, o salário não é suficiente. Vença quem vencer, o país demorará muito para se recuperar. Estou muito descrente de tudo”,

41,8%

é a taxa de inflação acumulada na Argentina de janeiro a outubro deste ano

lamentou o vendedor de pastéis Oscar Navarro, de 50 anos, sem revelar em quem votou.

“É claro que votei no presidente. Tenho muito medo do que pode acontecer na eleição”, disse Marta Gramiño, 45, que se aproximou da

janela de um bar para ver de perto o presidente Fernández, que parou para tomar um café.

Atraída também pelo barulho das câmeras, Liliana Márquez, 62, funcionária de um hospital, disse que espera que a oposição prevaleça. “Nunca confiei nesses governos peronistas. Votei no macrismo porque não consigo encontrar uma alternativa.”

Pacote econômico

Nas últimas semanas, o governo anunciou medidas econômicas, com controle de preços, em mais uma tentativa de combater a inflação galopante,



Vença quem vencer, o país demorará muito para se recuperar. Estou muito descrente de tudo”

Oscar Navarro, vendedor de pastéis

que acumula 41,8% entre janeiro e outubro, uma das mais elevadas do mundo.

Fernández também endurceu o discurso a respeito do Fundo Monetário Internacional (FMI), com o qual a Argentina tenta obter um acordo para substituir o crédito stand-by de 2018, de 44 bilhões de dólares. Se não conseguir o novo acordo, a Argentina — que tem 40% da população na pobreza — terá que pagar US\$ 19 bilhões ao FMI em 2022 e o mesmo valor em 2023.

As eleições ocorrem no momento em que o país está emergindo da última recessão, que começou em 2018 e se aprofundou com uma queda de 9,9% do PIB em 2020, devido à pandemia de covid-19.

A queda do número de contágios nas últimas semanas e o avanço do programa de vacinação — com mais de 60% da população com esquema vacinal completo e 20% com a primeira dose — possibilitaram a retomada gradual das atividades.

Mas o crescimento de quase 9% do PIB previsto para este ano apenas levaria a situação econômica de volta ao início do governo Fernández, quando a Argentina já acumulava dois anos de recessão.

AQUECIMENTO GLOBAL

COP26 marca “início do fim” da energia a carvão

Após o acordo alcançado por quase 200 países, no sábado, em Glasgow, o mundo, agora, deve atuar de maneira mais rápida possível para reduzir as emissões de gases do efeito estufa e afastar o cenário de aquecimento global “catastrófico”, advertem cientistas e políticos.

Depois de duas semanas de negociações, e que precisaram de um prazo extra, quase todas as nações do planeta concordaram com um compromisso para acelerar a luta contra o aumento da temperatura.

Mas, embora cada décimo de grau centígrado adicional tenha consequências importantes, as decisões do Pacto de Glasgow não resultarão em aquecimento limitado a 1,5°C na comparação com a era pré-industrial, a meta mais ambiciosa do Acordo de Paris, que estabeleceu, em 2015, as bases para a ação climática.

“A catástrofe climática continua batendo em nossas portas”, advertiu o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres.

“Mantivemos + 1,5°C ao nosso alcance. Mas o pulso está fraco”, declarou o presidente da COP26, o britânico Alok Sharma.

“As emissões mundiais devem diminuir, de forma imediata, rapidamente, com total urgência”, implorou Joeri Rogelj, do Imperial College de Londres, antes de destacar que “a ciência nunca esteve tão presente nas decisões de uma COP”.



Incentivo aqueles que têm responsabilidades políticas e econômicas a atuar de maneira imediata, com coragem e com visão de futuro”

papa Francisco

Glasgow, berço da revolução industrial alimentada por carvão, será para sempre a cidade onde, pela primeira vez, no mais elevado nível, após 26 conferências, as palavras “combustíveis fósseis” e “carvão”, que designam as principais causas do aquecimento global, foram condenadas em um documento.

“Isto acontece muito tarde, mas, realmente, é bem-vindo”, comemorou Chris Littlecott, especialista em transição energética do grupo de especialistas E3G. “Em 2021, vimos o fechamento da torneira para o financiamento do carvão, a COP26 inaugurou um novo capítulo, o de acelerar o fechamento das

centrais elétricas a carvão que ainda existem.”

Incluir as palavras carvão e petróleo no texto final do acordo foi complicado. Índia e China conseguiram, no último momento, atenuar ainda mais a frase da resolução, que cita a “redução” — e não “saída” — do carvão, o que levou Alok Sharma, com lágrimas nos olhos, a pedir desculpas ao mundo. Ontem, o presidente da COP declarou à BBC que China e Índia terão que “se explicar” por essa decisão.

“Minha alegria com o progresso está tingida de decepção”, declarou o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, ontem, em defesa dos países para os quais “a mudança climática já é uma questão de vida ou morte”. Mas vê motivos para comemorar o resultado da conferência climática. “Glasgow marcou o início do fim para a energia procedente do carvão. É uma conquista fantástica e apenas uma das muitas da COP”.

A mudança de postura da China veio depois que o país anunciou, na quarta-feira, um acordo surpreendente com os Estados Unidos, o segundo maior emissor de gases do efeito estufa, atrás apenas do gigante asiático. O presidente americano, Joe Biden, que, no início da COP, criticou o líder chinês, Xi Jinping, por sua ausência em Glasgow, terá uma videoconferência com ele, hoje.



Minha alegria com o progresso está tingida de decepção. A mudança climática já é uma questão de vida ou morte”

Boris Johnson, primeiro-ministro britânico

Perdas e danos

“Pequim deve, no futuro próximo, cumprir as promessas do acordo climático de Glasgow e fixar uma data para acabar com o uso de carvão em seu território”, disse Byford Tsang, da E3G.

“A maneira como os países estabelecerão uma nova cooperação para alcançar ações mais rápidas nos próximos 12 meses será o verdadeiro teste de aprovação de Glasgow”, resume a E3G, que também recorda outras promessas da COP26 a respeito da redução das emissões de metano — poderoso gás de efeito estufa — do desmatamento ou financiamento das energias fósseis.

“Incentivo aqueles que têm responsabilidades políticas e econômicas a atuar de maneira imediata, com coragem e com visão de futuro”, declarou o papa Francisco, ontem, após a tradicional oração do Angelus, em uma referência à COP26.

“Se todos os países, em particular aqueles que são grandes emissores, se limitarem às políticas de pequenos passos e ‘business as usual’, condenarão as atuais e futuras gerações a viver em um mundo de sofrimentos e danos indescritíveis”, advertiu a Union of Concerned Scientists (UCS).

Sofrimento que já afeta países mais pobres, que são os menos

responsáveis pelo aquecimento global, mas, que estão na linha de frente em termos de impacto, e que batalharam em Glasgow para obter financiamento específico para tentar reparar “perdas e danos”.

Essas nações cederam, de maneira relutante, e aceitaram prosseguir com o diálogo para não perder os avanços obtidos até agora na luta contra o aquecimento global. “Sempre subemos que Glasgow não era a linha de chegada”, comentou o enviado dos EUA para o Clima, John Kerry. Doze meses “separam” Escócia e Egito, sede da 27ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre o Clima (COP27).